



A importância e o desafio da contação de histórias no desenvolvimento infantil: o conto e o reconto¹

The importance and challenge of story telling in children development: telling and retelling

Rosa COSTA²

Resumo: A temática desenvolvida neste artigo demonstra a necessidade de resgatar o prazer de ler e interpretar uma literatura, por meio da contação de história. Um procedimento metodológico, terapêutico e milenar, que complementa todo o processo de ensino-aprendizagem da criança, abrindo portas e janelas para o mundo do conhecimento, do encantamento e do prazer de ler, proporcionando possibilidades do *conte outra vez*, exercitando a interpretação e o reconto da literatura, trazendo outra ética, outra ótica, contextualizando com as questões sociais e culturais. Sabemos que o primeiro contato da criança com o texto é: o oral, o ouvir, o sentir, o enxergar com os olhos do imaginário. Fundamenta-se este estudo nos escritos de Abramovich (1997), Alves (2007), Franz (1990), Vygotsky (2008), entre outros.

Palavras-chave: Contação de história. Encantamento. Conto e reconto. Aprendizagem.

Abstract: The themes developed in this article demonstrate the need to recover the pleasure of reading and interpreting a literary work by the means of storytelling. It has been a millenar methodological, and therapeutic procedure that complements the whole process of teaching and learning of a child, opening doors and windows to the world of knowledge, enchantment and pleasure to read itself, providing opportunities to retelling again and again, exercising interpretation and the retelling of a literary work, providing a new ethic perspective into different social and cultural contexts. It is known that a child's first contact with a text is through hearing, feeling, seeing with the eyes of imagination. This study is theoretically based on the writings of Abramovich (1997), Alves (2007), Franz (1990), Vygotsky (2008), among others.

Keywords: Storytelling enchantment. Telling and retelling. Learning.

Pelos escritos de Platão, sabemos que as mulheres mais velhas contavam às suas crianças histórias simbólicas – *mythoi*. Desde então, os contos de fada estão vinculados à educação de crianças.³

A contação de história, no desenvolvimento escolar e cognitivo, favorece, aguça e ativa o conhecimento da criança por meio do imaginário, do criar e recriar. Faz a criança apropriar-se de um mundo mágico, com grandes possibilidades de viagem pelo mundo do encantamento, proporciona abertura de portas, permitindo um desenvolvimento linguístico a partir do enriquecimento do vocabulário,

1 Texto publicado na Revista Construir Notícias, com algumas alterações.

2 Mestranda em Ciências da Linguagem pela Pontifícia Universidade Católica de Pernambuco-UNICAP; Pós-graduada em Recursos Humanos; Pedagoga, Professora de cursos de formação de professores na UPE / FAFIRE / UVA. Assessora Pedagógica da Editora Construir. E-mail: rosacostaf@ig.com.br.

3 FRANZ, 1990, p. 11.

além de todo um contexto que envolve a reprodução da literatura ou contação de história vivenciada. A contação de história também traz a possibilidade de contextualizar o conteúdo escolar de uma forma interdisciplinar, lúdica e prazerosa, oportunizando um momento pedagógico por um processo de ensino-aprendizagem. Para tal propósito, buscamos o professor / educador, aquele que ama o que faz, tem compromisso com a educação, acredita na transformação e construção de um educando mais humanizado, entendendo que a criança de hoje é o adulto de amanhã. Ser contador de histórias é sonhar acordado, é viajar pelo mundo encantado e levar seus ouvintes ao mundo irreal, ao mundo do imaginário, do lúdico faz de conta, do conte outra vez.

“Por lidar com conteúdos da sabedoria popular, com conteúdos essenciais da condição humana, é que esses contos de fadas são importantes, perpetuando-se até hoje...” (ABRAMOVICH, 1997, p. 120). São palavras pertinentes ao desenvolvimento infantil.

As literaturas estão sempre sendo recontadas por autores diversos. A cada reconto ganha ou perde a essência do original. O ofício de contador de histórias vem gratificando e valorizando os contos de fadas em rodas de leitura, rodas de conversa, com crianças ou adultos, por meio de contos e recontos que revivem até os dias atuais.

Fanny Abramovich trata esse tema, afirmando que o narrador tem como função o reconto, e para o reconto não precisa de recursos técnicos; seu instrumento de trabalho é a sua voz. A plateia deve estar sempre próxima do narrador, e esse narrador deve ter domínio da voz e do seu corpo, podendo atuar livremente pelo espaço determinado para a contação de história. Logo, a importância e o desafio da contação de histórias no desenvolvimento infantil perpassam pelo processo de ensino-aprendizagem.

Segundo Alves (2007), o processo de ensino-aprendizagem são questões que envolvem professor-aluno; logo, uma reflexão dessa prática se faz necessária a partir do que destacamos a seguir:

Andando pelas ruas de uma cidade do interior paulista, encontrei uma clínica de psicopedagogia que anunciava sua especialidade em ‘distúrbios da aprendizagem’. Dei-me conta de já ter visto muitas clínicas com a mesma especialização, mas nenhuma que anunciasse ‘distúrbios de ensinagem’. Por acaso, serão só os alunos que sofrem de distúrbios? Somente eles têm dificuldades em aprender? E os professores? Nenhum sofre de ‘distúrbios de ensinagem’? Que preconceito nos leva a atribuir o problema sempre ao aluno? Que providências terapêuticas tomar quando o perturbado é o professor? Mas que psicólogo terá coragem para passar-lhe esse diagnóstico? É mais fácil culpar o aluno.

O discurso do autor, Rubem Alves, nos remete a uma reflexão mais ampla das questões que envolvem o ensino-aprendizagem. Buscar culpados faz parte da prática de alguns docentes, mas não deveria. Repensando essa prática, encontramos, na magia da contação de história, caminhos para uma aprendizagem sem dor, traumas ou autoritarismo, entendendo que a autoavaliação se faz necessária na prática docente.

Retomando Alves, o educador precisa sonhar e acreditar, rever sua prática pedagógica e seus 'distúrbios de ensinagem', usando o instrumento da contação de história como fonte de sabedoria, resgatando uma prática milenar, hoje estudada por pedagogos, psicanalistas, linguistas e antropólogos, entre outros, todos se aprofundando em suas especificidades e no compromisso educacional, na busca de situações que favoreçam o processo de conhecimento do educando.

À medida que a criança avança no segmento escolar, também é reduzido o espaço e tempo do brincar; as crianças vão deixando de ser crianças para serem alunos (quando passam a cumprir uma agenda de atividades, sendo excluído o tempo essencial para o brincar). A experiência do brincar cruza diferentes tempos (passado, presente e futuro) e lugares, sendo marcada pela continuidade e pela mudança. A criança, pelo fato de se situar em um contexto histórico e social, ou seja, em um ambiente estruturado a partir de valores, significados, atividades e artefatos construídos e partilhados, incorporam a experiência social e cultural do brincar por meio das relações que estabelece com os outros adultos e crianças. Mas essa experiência não é simplesmente reproduzida, e sim recriada a partir do que a criança traz de novo com o seu poder de imaginar, criar, reinventar e produzir cultura, vivenciando no mundo da contação de histórias seu palco de aprendizagem.

A criança desenvolve grandes possibilidades de mudança e de renovação que nós, adultos, muitas vezes não somos capazes de perceber, pois, ao olharmos para ela, queremos ver a nossa própria infância espelhada no passado distante e atual, quando nos lembramos das histórias contadas pelos nossos avós. Passamos a imaginar o adulto que ela se tornará. Reduzimos a criança a nós mesmos ou àquilo que pensamos, esperamos ou desejamos, dela e para ela, vendo-a como um ser incompleto e imaturo e, ao mesmo tempo, esquecendo que também são seres pensantes, agentes da construção do seu próprio conhecimento.

Vygotsky (2008, p. 129-130), falando sobre o desenvolvimento infantil, apresenta seu ponto de vista a partir do que somos para a criança:

No desenvolvimento da criança, a imitação e o aprendizado desempenham um papel importante. Trazem à tona as qualidades especificamente humanas da mente e levam a criança a novos níveis de desenvolvimento. Na aprendizagem da fala, assim como na aprendizagem das matérias escolares, a imitação é indispensável. O que a criança

é capaz de fazer hoje em cooperação, será capaz de fazer sozinha amanhã. Portanto, o único tipo de aprendizado é aquele que caminha à frente do desenvolvimento, servindo-lhe de guia; deve voltar-se não tanto para as funções já maduras, mas principalmente para as funções em amadurecimento [...]. Mas devemos considerar também o limiar superior; o aprendizado deve ser orientado para o futuro, e não para o passado.

É no processo de contar e recontar histórias, interagindo com os outros, observando-os e participando das brincadeiras que a criança vai se apropriando tanto dos processos básicos de amadurecimento como dos modos particulares de brincadeira, ou seja, das rotinas, de regras e dos universos simbólicos que caracterizam e especificam os grupos sociais em que nos inserimos. Então, a leitura infantil deve ser inserida nesse contexto como mais uma brincadeira gratificante e produtiva, exercitando o poder da fala, da oralidade.

Quando a criança brinca de ser "outros" (pai, mãe, médico, monstro, princesa, fada, bruxa, ladrão, bêbado, polícia etc.), reflete sobre suas relações com esses outros e toma consciência de si e do mundo, estabelecendo outras lógicas e fronteiras de significação da vida. O brincar envolve, portanto, complexos processos de articulação entre o já dado e o novo, entre a experiência, a memória e a imaginação, entre a realidade e a fantasia.

As brincadeiras de imaginação e fantasia exigem que seus participantes compreendam que o que está se fazendo não é o que aparenta ser. Quando está imitando um personagem, a criança sabe que se trata de um personagem; por conta disso, pode experimentar, com segurança, a tensão e o medo e solucioná-los com o mesmo encantamento que os criou. As observações levam-nos a perceber que a brincadeira requer o aprendizado de uma forma específica de comunicação, que estabelece e controla esse universo simbólico, espaço interativo em que novos significados estão sendo partilhados, vivenciados a partir do faz de conta nas teias que bordam o imaginário infantil.

Dito de outra forma, a apropriação dessa comunicação é condição para a construção das situações imaginadas (falas/diálogos dos personagens, narrativas das ações e dos acontecimentos), bem como para a organização e o controle das brincadeiras partilhadas pela criança. Sua apropriação de saberes se dá no próprio processo de brincar. É brincando que ela aprende a brincar. O brincar é fundamental para o desenvolvimento infantil, o momento de cada um é único, é singular, precisa ser valorizado e estimulado a cada fase do seu desenvolvimento. É interagindo com o outro, observando-o e participando das brincadeiras que vai se apropriando tanto dos processos básicos constitutivos do brincar como dos modos particulares de brincadeira, ou seja, de rotinas, regras e universos simbólicos que caracterizam e especificam os grupos sociais em que a criança está inserida.

Também sabemos que a afetividade é o caminho que devemos percorrer até chegar à criança, apoiando e dando autonomia para criar e recriar na lógica do seu pensamento. Quantos *Joões* e quantas *Marias* passam pelo educador querendo brincar de faz de conta, comer chocolate ou conhecer melhor a dona da casa, aquela velhinha, que também pode ser a vovozinha. “Príncipes e princesas todos querem ser, precisamos descobrir por que. Até sabemos, mas, se falar, o encantamento pode acabar.” (COSTA, 2012).

Segundo Franz (1990, p. 9), estudiosa da interpretação dos contos de fada,

Contos de fada são a expressão mais pura e mais simples dos processos psíquicos do inconsciente coletivo. Consequentemente, o valor deles para a investigação científica do inconsciente é sobrejamente superior a qualquer outro material [...] o conto de fada é, em si mesmo, a sua melhor explicação, isto é, o seu significado está contido na totalidade dos temas que ligam o fio da história.

Dessa forma, numa contação de história, contos, fábulas ou lendas, sempre a *história* será a grande estrela do evento. Seus contadores, apenas os coadjuvantes que se esmeram em contá-las. Não devemos fazer da contação de história um espetáculo no qual a plateia confunde o seu real objetivo. Devemos escolher uma determinada forma teatral, com *glamour*, sim. Contudo, o que deve brilhar é a história contada em versos ou prosa.

Como resgate do que já foi dito, o conto e o reconto com princesas, príncipes, fadas, bruxas e até madrastas são fontes de imaginação coloridas e brilhantes no mundo mágico do faz de conta, do *conte outra vez*. Tudo em forma de arte e encantamento, dando continuidade ao mundo colorido que liga os fios dourados do imaginário a histórias bordadas pelo encantamento da arte de ser um eterno aprendiz.

A contação de história é fundamental ao processo de ensino-aprendizagem, sendo de fundamental importância a partir da educação infantil. Mesmo não estando alfabetizada, a criança será capaz de interpretar um conto de fadas, uma fábula ou lenda, como também fazer o seu reconto. Sabemos que esse contexto vai possibilitar a criança ler bem, interpretar e escrever melhor ainda. A contação de história é o caminho para esse processo de ensino, lúdico e prazeroso. As literaturas infantis, produzidas com imagens, vão proporcionar o multiletramento visual, desafiando o educando e estimulando sua aprendizagem.

Diante dos avanços tecnológicos e eletrônicos que permeiam o cotidiano da criança, devemos resgatar a milenar tradição da contação de histórias e seu contexto, para trazer os contos de fadas como enriquecimento do *era uma vez*. Tratar a criança como criança, permitindo que ela embarque na viagem do seu imaginário. Assim serão todos muito mais felizes. E assim me contaram, e assim vos contei, aqui termina o *era uma vez*.

Referências

ABRAMOVICH, Fanny. **Literatura infantil**: gostosuras e bobices. São Paulo: Scipione, 1997.

ALVES, Rubem. O brincar como um modo de 'distúrbios de ensinagem' ser e estar no mundo. Disponível em: www.sociedadepalavraviva.blogspot.com Acesso em: 01 mar. 2007.

BENJAMIN, W. **Reflexões**: a criança, o brinquedo, a educação. São Paulo: Summus, 1984.

BETTELHEIM, Bruno. **Psicanálise dos contos de fadas**. São Paulo: Paz e Terra, 1990.

COELHO, Nelly Novaes. **Literatura infantil**: teoria, análise, didática. São Paulo: Moderna, 2000.

DOHME, Vânia. **Técnica de contar história**: um guia para desenvolver as suas habilidades e obter sucesso na apresentação de uma história. Petrópolis: Vozes, 2010.

FERREIRA, Aurora. **Contar histórias com arte e ensinar brincando**: para a educação infantil e séries iniciais do ensino fundamental. Rio de Janeiro: Wak, 2010.

FRANZ, Marie-Louise Von. **A interpretação dos contos de fada**. São Paulo, Paulus, 1990.

GIORDANO, Alessandra. **Contar histórias**: um recurso arteterapêutico de transformação e cura. São Paulo: Artes Médicas, 2007.

JOSÉ, Elias. **Literatura infantil**: ler, contar e encantar crianças. Porto Alegre: Mediação, 2007.

SISTO, Celso. **Textos e pretextos**: sobre a arte de contar histórias. Belo Horizonte: Aletria, 2012.

VYGOTSKY, L. S. **Pensamento e linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

Recebido em: 16/12/2013

Aprovado em: 08/01/2014

Para referenciar este texto:

COSTA, Rosa. A importância e o desafio da contação de histórias no desenvolvimento infantil: o conto e o reconto. **Lumen**, v. 22, n. 2, p. 21-26, jul/dez. 2013.